



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1328

## **As relações anglo-normandas às vésperas da Batalha de Hastings de 1066**

Lucio Carlos Ferrarese (LEAM/UEM)

Jaime Estevão dos Reis (DHI/LEAM/PPH/UEM)

**Resumo.** Nesta comunicação temos como objetivo analisar os conflitos políticos entre a Inglaterra e a Normandia no século XI, que levaram à Batalha de Hastings de 1066. Tal batalha deu-se em função da disputa entre Guilherme da Normandia e Haroldo Godwinson da Inglaterra pela sucessão do trono da Inglaterra. Como fontes para tal estudo fazemos uso da *Tapeçaria de Bayeux*, a *Crônica de Guilherme de Poitiers* e a *Crônica Anglo-Saxônica*, fontes estas criadas ainda da geração dos combatentes da mencionada batalha. Como bibliografia para a análise destas fontes, utilizamos trabalhos tais como os de Christopher Gravett, *Hastings 1066* (1994), de Jacob Abbot, *History of William the Conqueror* (2009), de Asa Briggs, *História Social de Inglaterra* (1998), de Maurice Keen, *Historia de la guerra em la Edad Media* (2005), e Lewis Thorpe, *The Bayeux Tapestry and the Norman Invasion* (1973). Discutimos que a proximidade geográfica entre a Normandia e a Inglaterra facilitou a existência de laços políticos e familiares entre aquele ducado e este reino, e visto essas ligações concluímos que estes conflitos políticos levaram à subsequente Batalha de Hastings. Este conflito uniria ambos os territórios sob um mesmo reinado e acabaria por afetar a história entre a França e a Inglaterra a longo prazo.

**Palavras-chave:** Inglaterra; Normandia; Batalha de Hastings.

## Introdução

No ano de 1066 d.C., a sociedade da Inglaterra teve de lidar com as consequências de um conflito pela sucessão do trono inglês, conflito este culminado na Batalha de Hastings. Nesta batalha, uma força estrangeira, originada da Normandia e liderada pelo Duque Guilherme, invadiu a Inglaterra e venceu as forças defensoras, lideradas pelo então rei Haroldo Godwinson. Esta vitória estabeleceu uma nova composição política e social para o reino conquistado, e uma maior integração das ilhas britânicas com o continente, vista a participação do território da Normandia em relações de vassalagem para com o rei da França. Todavia, longe de ser uma mera aventura militar por parte dos normandos, a Batalha de Hastings é o reflexo de uma conjuntura de fatores políticos, sociais, religiosos e econômicos que são usados como justificadores para esse conflito, contexto esse que para o historiador é fundamental compreender para a apropriada análise dos eventos posteriores.

A proposta do presente texto é de compreender as relações existentes entre a Normandia e a Inglaterra no período anterior à Batalha de Hastings, onde a nobreza daquela região acabará por suplantar os líderes políticos da segunda. Compreendendo o ser humano como um ser de facetas variadas, propomos que o conflito foi o resultado de fatores econômicos, sociais, políticos e religiosos conflitantes de ambas essas sociedades, quais sejam, a normanda influenciada pelo estilo continental e a inglesa influenciada pelo estilo viking. Para isso, estudamos as fontes então contemporâneas ao período, como a *Tapeçaria de Bayeux*, a *Crônica Anglo-saxônica* e a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, as quais apresentam narrativas dos eventos que levaram à Batalha de Hastings tanto do ponto de vista dos normandos quanto dos ingleses. Concomitantemente à análise da historiografia referente à história da Inglaterra e da Normandia, e sua inserção no contexto da Europa Ocidental medieval, observamos uma trama elaborada de objetivos e visões de mundo,

constantemente conflitantes entre si, que ajudam a compreender algumas das motivações medievais para a guerra.

### **Contexto e relações anglo-normandas**

As ilhas britânicas e a região da Normandia estão ambas sob a influência do Mar do Norte, área de atuação dos piratas vikings, cuja vivência era exercida muitas vezes por meio de saques, pilhagens, invasões e guerras (BRIGGS, 1998, p. 54). Deveras, a Normandia é uma das regiões ocupadas pelos vikings no final do século IX, e a Inglaterra é um dos alvos preferenciais de ataques por parte desses homens desde o século VIII até o ano de 1066, visto a reputação existente de que as terras inglesas eram férteis e de grandes riquezas (SAUL, 1997, p. 55). Essa influência determinara muitos dos costumes e tradições de ambas as regiões, como por exemplo a existência da *Danelaw* ou “Lei Dinamarquesa” na região da norte da Inglaterra. Ocasionalmente, as relações militares davam lugar à relações comerciais e políticas, apesar das invasões anteriores, e com a eventual porém lenta conversão dos povos vikings ao catolicismo, abriram-se oportunidades para o estabelecimento de alianças, tal qual o casamento do rei inglês Ethelred II com Emma, filha do Duque Ricardo da Normandia, no ano de 1002 (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 134).

As relações entre o inglês e o estrangeiro nesse período, portanto, são muitas vezes tensas e tênues, por vezes considerando-os como invasores e forasteiros indevidos à suas terras, por outras tendo ainda de se relacionar com eles pela aliança e pelo comércio para a garantia de sua sobrevivência ou conforto. Por exemplo, entre o ano de 1003 até o ano de 1042, a família real inglesa foi retirada do poder por invasores vikings, buscando refúgio em uma Normandia que também é descendente de vikings, aprofundando as relações entre parte da nobreza inglesa com a nobreza normanda. Essa dinastia anglo-saxônica retorna na forma de Eduardo, o Confessor (DEVRIES, 2009, p. 19).

A constante quebra de linhagens e o temor das intervenções militares estrangeiras, mesmo diante de um quadro de cristianização dinamarquesa, tornam o jogo político da Inglaterra extremamente complexo, que adota um modelo institucional em que os vassalos possuem uma autonomia muito maior do que os vassalos do continente, tornando-os pequenos “reis” em seus próprios lares. Não somente isso, os conflitos entre as tradições dos bretões, dos saxões e dos dinamarqueses – povos que compõem as sociedades inglesas do século XI – potencializam o sentimento de independência para com líderes distantes mesmo dentro de um reino anglo-saxão, com a permanência de direitos consuetudinários por vezes díspares. Tal independência, deveras, é que permite a ascensão de nobres que podem rivalizar mesmo com o rei – o que ocorrerá durante o reinado de Eduardo – e é também o fator que acabará por se modificar após a chegada de Guilherme.

A partir de 1042, Eduardo busca conciliar a expectativa que seus súditos e iguais possuem dele com a realidade do governo real inglês. Visto com desconfiança por seus nobres vassalos, sua longa estadia na Normandia faz com que seja considerado quase que como um estrangeiro em sua própria terra natal. Todavia suas ligações com sua família por parte de mãe e de criação, seus contatos e conhecimentos predominantemente normandos não deixam outra opção que não estreitar relações com o continente, particularmente diante da independência e da pouca cooperação de seus súditos ingleses. Thorpe, em especial, comenta a independência de poder entre os líderes ingleses e o rei “estrangeiro”:

In 1036 Godwine had seized the person of Edward's brother, the Atheling Alfred, when he visited England from Normandy, and had handed him over to King Harold Harefoot's men, who had put out his eyes and occasioned his death. The immediate cause of the disagreement between Edward and Godwine in 1051 was the undue numbers and the excessive influence of foreigners, and especially of Normands, at the English court (1973, p. 7).

De fato, existe um aumento característico na participação de normandos na administração da ilha britânica e um fluxo maior de comércio e migrantes através do Canal da Mancha, algo considerado nocivo pela nobreza regional. Concomitantemente a isso, da Dinamarca vinha a constante ameaça de uma retomada nas hostilidades para a recuperação da parte dos vikings.

A independência e discordância entre o trono do Confessor e os nobres “da terra” é evidenciada especificamente pela figura de Godwin, conde de Wessex, o mais poderoso e influente nobre da Inglaterra à época. Godwin e sua família possuíam extensões de terra superiores às terras do rei (SAUL, 1997, p. 59), com um número equivalente de vassalos e uma tradição familiar de pertencimento ao reino inglês, qual seja a plena ascendência anglo-saxônica. Tanto para a manutenção de seu poder como para o aumento da influência de sua família, Godwin entra em comum acordo com Eduardo – o qual não seria capaz de governar contrariamente a esse nobre – e o rei inglês então se casa com Judite, filha de Godwin, irmã de quatro irmãos também possuidores de terras e títulos. Para ambos os lados, o favorecimento político é o fator principal da união: aliança e paz para Eduardo, e ganho presente e futuro de títulos para os Godwin, com um descendente régio.

Mesmo essa aliança matrimonial é incapaz de aplacar o ânimo de Godwin no tocante à ingerência normanda na administração da Inglaterra. Em 1051, a família Godwin contesta de maneira tal as decisões reais que a escalada para um confronto marcial efetiva-se – ao negarem-se a aplicar as ordens do rei em favor de um grupo visitante de normandos, Eduardo proclama os Godwin foras-da-lei, praticamente obrigando-os ao exílio para não serem presos (GRAVETT, 1994, p. 7). Isso não resolve a situação, pois no ano seguinte, Godwin e sua família retornam com o apoio dos nobres, para a humilhação de Eduardo (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 179; 181). A morte do patriarca Godwin, em 1053, pouco modifica essa situação: ele simplesmente é sucedido por seus filhos, que possuem grande influência e independência efetiva da corte. Haroldo, Conde de Wessex, se destaca diante de seus irmãos e outros nobres, tornando-se efetivamente a mão direita do rei. Tal posição fortalece o que será sua futura reivindicação ao trono inglês, cerne da questão política da Batalha de Hastings.

Antes de presumirmos uma unicidade familiar em busca de um objetivo comum da parte dos Godwinson, os filhos de Godwin e seus descendentes, é necessário salientar que a independência dos nobres para com o trono é a mesma raiz da independência dos nobres uns para com os outros e também a origem dos conflitos internobiliárquicos medievais, já que não existe figura autoritária superior e capaz para a legislação de eventuais conflitos e a efetivação de tais decisões. É emblemático de forma tal que os irmãos Godwin são rivais entre si (SAUL, 1997, p. 59) e um dos irmãos, Tostig Godwinson, que lidera na Northumbria, é exilado por Haroldo Godwinson. Sendo a família Godwin vassala de Eduardo e originária da região centro-sul do país, a percepção que os nobres e não-nobres da região da Northumbria, agora culturalmente dinamarquesa, possui deles é menos lisonjeira do que o desejado. Tostig é considerado tirânico a ponto de causar um levante na Northumbria no ano de 1065, e Haroldo – representando o rei, porém efetivamente exercendo sua autoridade própria – deve ceder aos revoltosos que pedem o exílio de seu irmão. Tostig foge, mas na expectativa de reaver sua posição, entra em contato com os mais variados opositores do reino inglês, desde Guilherme da Normandia, até finalmente alcançar o viking Haroldo III, rei na Noruega, alcunhado Haroldo Hardrada. A capacidade diplomática de Tostig será capaz de demover as forças de Hardrada para lançar uma ofensiva com o objetivo de conquistar a Inglaterra para os noruegueses, um dos últimos suspiros do modo de vida viking antes das conversões e relativa integração ao contexto político da Europa continental.

O contexto do outro lado do Canal da Mancha, no Ducado da Normandia, é pautado por uma maior integração à política continental que a da Inglaterra, apesar de sua origem dinamarquesa. Nominalmente, são vassalos do rei francês, contudo sua força de armas original faz com que para com este tenham uma grande independência (ABBOT, 2009, p. 22-23). Deveras, nessa liberdade política possuem grandes similaridades para com os nobres ingleses, porém sua posição geográfica e a maior influência do mundo franco permitem o florescer de conceitos novos, diferentes daqueles do mundo germânico e viking do qual descendem. Conceitos tais como a exaltação da cavalaria, o uso de novas táticas de batalha, uma cristianização mais aprofundada e uma maior

relevância para os ritos feudo-vassálicos e suas consequências jurídico-sociais – que se tornam mais evidentes em uma França posterior – são perceptíveis nesse período e também influenciam as mudanças inglesas pós-1066.

Juridicamente, podemos observar a mudança no direito de herança; onde, anteriormente, no Império Carolíngio do século IX Carlos Magno divide seu reino entre todos os seus herdeiros masculinos, o Condado da Normandia é indiviso, recebido unicamente pelo herdeiro masculino mais velho. Ricardo II, irmão de Emma e tio de Eduardo, o Confessor, teve como filho Roberto I, e este teve como filho de uma união não-sacramentada Guilherme, cognominado “o Bastardo” (DEVRIES, 2009, p. 19) que herdou o ducado no ano de 1035. Guilherme teria convivido muito próximo ao seu primo em segundo grau, Eduardo o Confessor, que o considera como herdeiro do trono inglês.

A interatividade entre a Inglaterra e a Normandia do reinado de Eduardo faz com que Guilherme e Haroldo Godwinson, futuros rivais pela coroa, tenham contato um com o outro em momentos anteriores ao conflito em si. De fato, o exílio da família Godwin no ano de 1052 é um desses pontos de convergência entre ambos os personagens, pois Eduardo fora capaz de manter um dos irmãos e um sobrinho de Haroldo como reféns juntamente à família de sua mãe normanda, na tentativa de impedir eventuais futuras disputas (ABBOT, 2009, p. 143). Esses familiares seriam um dos possíveis motivos pelo qual Haroldo Godwinson se encontra com seu futuro rival entre os anos de 1063 e 1064, conforme Christopher Gravett: “Una de las excusas dadas por el inglés Eadmer (que escribió hacia 1095-1123) era que Harold deseaba visitar a su hermano menor y a su sobrino, que eran rehenes desde la rebelión de Godwin en 1051” (1994, p. 9). Procurando visitar seus parentes, Haroldo naufraga nas costas da Normandia, onde é inicialmente preso por um vassalo de Guilherme. Porém, ao ser avisado disso, Guilherme o resgata, tratando-o como um convidado de honra e companheiro em armas, e mesmo lutando lado a lado contra um vassalo insurreto em suas terras, criando um vínculo de camaradagem e sangue. Após, o duque envia Haroldo de volta para a Inglaterra – embora em sua estadia tenha participado de um importante e constrangedor fato: um juramento solene sobre relíquias sagradas de que ajudaria Guilherme a se tornar o rei da Inglaterra, como herdeiro de Eduardo (DEVRIES, 2009, p. 20).

Sucessão essa posta em litígio a partir de janeiro de 1066, quando Eduardo o Confessor falece sem descendentes. Em seus desejos finais, seus assistentes ingleses teriam dito que

He [Edward] pointed with his hand towards Harold, the man whom he had brought up at his court and whom he looked upon as a brother. 'I commend my wife to your care', he said, 'and with her my whole kingdom' (VITA AEDWARDI REGIS apud THORPE, 1973, p. 11).

Isso estabeleceria toda uma grande dúvida acerca da sucessão, que de acordo com os normandos estrangeiros era pública e notória de que passaria ao descendente mais próximo, qual seja, Guilherme. Para os nobres ingleses, no entanto, a questão não era tão simples, e logo após o falecimento de Eduardo eles se reuniram na grande reunião dos nobres, o *witenagemot*, composto apenas por nobres sulistas devido às condições adversas do inverno inglês. Esse concílio resolve eleger Haroldo como rei, demonstrando o descontentamento dos nobres contra as ingerências dos parentes e aliados normandos de Eduardo, porém Haroldo é coroado completamente ciente de que deveria enfrentar muitos opositores desejosos de seu trono, desde Guilherme na Normandia, o herdeiro reconhecido, a Tostig Godwinson, o irmão exilado e seu aliado viking, Harold Hardrada.

Concomitantemente, os nobres da Northumbria, que não estão presentes durante o *witenagemot* que coroa Haroldo, vindos de uma tradição dinamarquesa viking e, portanto, ainda mais independentes, demonstram sinais de descontentamento e rebelião para com essa decisão. O governo de Tostig, irmão de Haroldo, também não havia sido esquecido, e a possibilidade de que um mau governo fosse uma característica familiar é um dos possíveis argumentos contrários à realeza desse filho de Godwin, que só possuía ligação com o trono apenas pelo casamento de sua irmã, e não por seu sangue. Haroldo se dirige então ao norte para tentar aplacar a nova desordem e para selar a aliança casa-se com Edith, a irmã dos dois mais poderosos nobres da Northumbria, Edwin e Morcar, condes da Mercia e da Northumbria,

respectivamente. Mesmo assim as relações se mantêm frias e tensas, desestabilizando a relação feudo-vassálica entre a coroa de Haroldo e esses seus nobres mais afastados. Isso implica, nos meses seguintes, uma reticência dos lordes Edwin e Morcar, bem como de seus respectivos vassallos, em estarem dispostos a ajudar plenamente o seu novo rei nas batalhas que se seguem, em especial na falta de arqueiros durante a Batalha de Hastings.

Vista a proximidade geográfica, e uma migração de normandos que moravam na Inglaterra de volta à sua terra natal provocada pelo sentimento contrário aos estrangeiros, Guilherme logo toma conhecimento desses acontecimentos e rapidamente contesta a coroação de Haroldo. Em vários momentos, envia emissários para transmitir seu descontentamento e demonstrar suas razões. Primeiramente, relembra as declarações anteriormente feitas por Eduardo publicamente, de que o havia escolhido como seu herdeiro. Depois, afirma a validade do juramento prestado por Haroldo em sua casa, realizado sobre as relíquias sagradas, de que ele seria seu vassallo e se casaria com sua filha. Por fim, o fato de ser o primo em segundo grau de Eduardo confirmava sua linhagem como sucessor. Haroldo contra-argumenta que, na tradição inglesa, os desejos finais do rei são o seu último juízo de valor, e, portanto, com validade superior às outras declarações anteriores. Ademais, também apoia a autoridade do *witenagemot*, que o apontara como rei, pois do contrário perderia o respeito e o apoio dos demais nobres ingleses que buscavam uma Inglaterra governada pelos seus próprios. Por fim, referente ao juramento prestado a Guilherme, afirma que o fizera sob coação, mesmo que implícita, e que era um juramento inválido (ABBOT, 2009, p. 169-171).

O impasse não se soluciona através da diplomacia e Guilherme logo começa a pleitear a obtenção da coroa através do uso de armas. Envia emissários para explicar sua posição ao Papa Alexandre II, explanando seus argumentos de que estaria cumprindo uma “guerra justa”. Para a Igreja Católica, a Normandia de Guilherme havia se mostrado como uma melhor seguidora do catolicismo, visto que na Inglaterra vivia um Arcebispo chamado Stigand, excomungado por vários papas por ter adquirido sua posição através das mãos do rei e não das leis canônicas, e que tal vitória permitira a retificação dessa situação. Dessa forma, o pedido é aceito, e o Papa lhe envia

um estandarte abençoado e um anel com uma relíquia sagrada, um fio de cabelo de São Pedro, para demonstrar a justiça de sua causa, e que lhe acabar por render grande capacidade propagandística par a condução de sua causa.

Com o aval papal, o futuro Conquistador logo começa suas preparações, convencendo seus vassalos um a um de que a luta pela Inglaterra é digna e que trará grandes ganhos aos vencedores, prometendo aos seus cavaleiros partes das terras inglesas em caso de vitória. Concomitantemente, a notícia de que Guilherme teria recebido um estandarte e uma relíquia de São Pedro serve para atrair mercenários para sua hoste, já que esses homens, apesar de cederem suas habilidades violentas em troca de ganhos, também se preocupavam com a salvação de suas almas. Essa motivação de que não estariam participando de uma luta injusta da qual teriam de se penitenciar depois também influencia a adesão dos próprios vassalos de Guilherme, temerosos de estarem conduzindo uma guerra perdida.

Enquanto isso ocorre, Tostig Godwinson e Haroldo Hardrada iniciam sua investida contra a Inglaterra. Haroldo Godwinson está ciente, nesse momento, de que Guilherme logo atacará, e espera ser atacado pelo sul primeiro, porém seu irmão é mais rápido. Hardrada e Tostig invadem pela região da Northumbria, que após um confronto se submete ao invasor. O rei inglês é forçado a mobilizar as tropas que se encontravam no sul para o norte, e ambas as forças se encontram na Batalha da Ponte de Stamford. Tostig e Haroldo Godwinson ainda tentam entrar em um acordo, já que o rei inglês está ciente de que quanto menos tropas perder, melhor poderá enfrentar as forças de Guilherme. Haroldo Hardrada, contudo, não seria poupado, o que acarreta a impossibilidade de uma paz pela diplomacia – o irmão exilado não abandona seu aliado de maneira covarde. A luta entre os irmãos é encarniçada, mas Haroldo surge como vencedor, matando Hardrada e Tostig (DEVRIES, 2009, p. 21; 24). O fato de agora ser um fraticida daria ainda mais peso à causa de Guilherme, que já argumenta que Haroldo era um vassalo perjuro e um rei ilegítimamente coroado pelas mãos de Stigand.

A vitória do rei inglês tem um grande preço em homens, os quais ele não é capaz de substituir. Ademais, a desconfiança característica dos nobres da Northumbria faz com que estes politicamente se recusem a unir suas tropas às

tropas do rei quando o exército voltasse a marchar para o sul, pois alegam não terem a obrigação de proteger uma região tão distante do reino. Isso acaba por desfalcado o exército de Haroldo de uma quantia considerável de tropas inglesas, em especial de arqueiros e outros artilheiros, quando enfrentasse Guilherme (GRAVETT, 1973, p. 17).

Pouco tempo depois, o duque normando consegue cruzar o Canal da Mancha com suas forças, e através da marcha forçada Haroldo alcança o exército invasor próximo à região de Hastings. Uma última tentativa diplomática é feita, porém infrutífera, e a Batalha de Hastings inicia-se em 14 de outubro de 1066. A luta é difícil para ambos os lados, e esse confronto apresenta uma pequena vantagem numérica para Haroldo, mas o uso da armaria e de táticas avançadas de cavalaria contra os ingleses que não detêm essas mesmas capacidades possibilita a vitória de Guilherme (BRIGGS, 1998, p. 59). O duque normando derrota o único homem com força o bastante para contestar seu trono, e com suas forças continua a combater quaisquer nobres ingleses que se opõem a seu reinado.

### **Considerações Finais**

Ao compreendermos o contexto anterior à Batalha de Hastings, observamos como todos os fatores que compõem a sociedade são usados para a compreensão dos atos e pensamentos dos homens. A Batalha de Hastings não fora apenas um exercício militar, pura e simplesmente atuação marcial e violenta sem sentido. Ela estava inserida em toda um encadeamento de acontecimentos que conduziram à ela: socialmente, as ligações familiares e afetivas entre Eduardo e Guilherme, bem como entre Eduardo e Haroldo, e mesmo as relações afetivas entre Guilherme e Haroldo, nos ajudam a compreender em parte as motivações dos combatentes pelo trono inglês, bem como suas visões diferentes do que é a justa herança; econômica e politicamente, as ligações entre a Normandia e a Inglaterra, sendo esta muito maior e capaz de gerar riquezas, certamente levam ao interesse dos normandos de expandir seu território; por fim, religiosamente, o pecado da perjúria e a situação heterodoxa do clero inglês ajudou por parte dos

normandos a justificar sua intervenção militar, bem como posteriormente à triste explicação inglesa de que sua derrota era consequência dos pecados da nação.

## Referências

ABBOTT, J. **History of William the conqueror: markers of history.** New York: Cosimo Classics, 2009.

BRIGGS, Asa. **História social da Inglaterra.** Tradução: Néri Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

DAVIS, H. W. C. (Ed.). **Regesta Regum Anglo-Normannorum (1066 – 1.154).** Oxford: Clarendon Press, 1913, v. 1.

DEVRIES, Kelly et al. **Batalhas medievais 1000 – 1500: conflitos que marcaram uma época e mudaram a história do mundo.** São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009.

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GARMONSWAY, G. N. (Ed.). **The Anglo-Saxon Chronicle.** London: J. M. Dent & Sons Ltd., 1990.

GRAPE, Wolfgang. **The Bayeux Tapestry: monument to a Norman triumph.** Translated from German by David Britt. Prestel-Verlag: Munich/New York, 1994.

GRAVETT, Christopher. **Hastings 1066: el fin de la Inglaterra Sajona.** Madrid: Ediciones del Prado, 1994.

KEEN, Maurice. **La caballería.** Tradução de Elvira de Riquer e Isabel de Riquer. Barcelona: Ariel, 2008.

POITIERS, William of. The History of William, Duke of the Normans and King of the English. In: THORPE, Lewis. **The Bayeux Tapestry and the Norman invasion.** London: The Folio Society, 1973, p. 33-55.

POITIERS, William of. **The GESTA GVILLELMI of William of Poitiers.** Editado e traduzido por R. H. C. Davis e Marjorie Chibnall. Oxford: Claredon Press, 2006.

SAUL, Nigel. **The Oxford illustrated history of medieval England.** Oxford: Oxford University Press, 1997.

SAVAGE, A. (Ed.). **The Anglo-Saxon Chronicle**. London: Book Club Associates, 1984.

THORPE, Lewis. **The Bayeux Tapestry and the Norman invasion**. London: The Folio Society, 1973.